

Por que ele vem: questões sobre a paranoia.

Rosane Mendonça

Psicanalista membro fundador de Trieb Espaço de Psicanálise

“É útil ocupar-se da paranoia. Por mais ingrato e árido que isso possa ser para nós, é ao mesmo tempo a purificação, a elaboração e o exercício das noções freudianas, e da mesma feita nossa formação na análise”. (Lacan, o seminário livro 3 – As psicoses)

Um sujeito que vem ao analista estruturado subjetivamente na neurose o faz a partir da sua própria vontade. Pode até vir por sugestão ou indicação de outra pessoa, mas ainda assim, vem por causa própria. Chega ao consultório relatando suas inibições seus sintomas e suas angústias e não sabe ao certo a causa dos sofrimentos pelos quais padece.

Pela via da transferência, coloca o analista no lugar de um Outro que detém um suposto saber e demanda dele uma resposta para decifrar o enigma do seu sofrimento. Esse lugar no qual o analista é colocado foi denominado por Lacan de “sujeito suposto saber”. O analisa ao não dar as respostas sobre o enigma do sofrimento do analisante, vai relançando de volta suas questões, furando o discurso dele e possibilitando abertura para que o mesmo se interrogue sobre as palavras, sobre os significantes que recebeu do Outro, significantes estes que constituíram a sua subjetividade e marcaram a sua história, criando condições para que ao final de uma análise apareça como efeito dela esse lugar de queda, de uma destituição subjetiva.

Em um sujeito neurótico segundo Lacan (1957-58) operou-se a Metáfora Paterna, a Lei do Pai. Essa operação permitiu a criança sair da condição de objeto de desejo da mãe (ser o falo) e entrar na condição de sujeito desejante (ter o falo), possibilitando a partir daí a dialética das identificações, onde o Eu ideal pode ser dialetizado com o Ideal do Eu. Ao mesmo tempo ao introduzir o significante Nome-do-Pai através da Metáfora Paterna na economia subjetiva do sujeito, permite a ele “servir-se” desse nome, das palavras, da comunicação,

enfim, fazer laços sociais, através do discurso em um mundo simbólico, cultural. Permite também ao sujeito constituir uma cadeia de significantes na qual pode se representar, ter uma significação fálica e se sustentar diante das demandas que se referem à função paterna.

Lacan no Seminário 3: as psicoses, insiste que “é preciso aí uma lei, uma cadeia, uma ordem simbólica, a intervenção da ordem da palavra, isto é, do pai. Não do pai natural, mas do que se chama o pai”. (LACAN, 1955-56 p. 118) O pai adquiriu então o estatuto de um significante.

Essa cadeia de significantes que dá um significado e por consequência uma significação ao ser do sujeito, ser em falta, instaurada pelo Nome-do-pai, não é constituída da mesma forma na psicose porque ao invés da operação da Metáfora Paterna, do recalque, o que ocorre na psicose é o mecanismo da forclusão da Metáfora Paterna, ou seja, uma rejeição da castração da mãe, impedindo que o sujeito substitua o desejo da mãe pelo Nome-do-Pai instituindo uma lógica fálica, simbólica, permanecendo dessa forma no registro Real-Imaginário.

O que isso significa? Que o sujeito na psicose não se confronta com a castração materna que deveria ocorrer durante a fase edípica, não instaurando, por conseguinte a falta, ficando preso, submetido e alienado a uma relação de gozo com um Outro Absoluto. Lacan formula no Seminário 11 “que quando não há intervalo entre S1 e S2, quando a primeira dupla de significantes se solidifica, se holofraseia, temos o modelo de toda uma série de casos” (LACAN, 1964, p. 225). Está se referindo as psicoses, nas quais não há cadeia de significantes e sim uma solidificação entre S1 e S2 que não poder ser desarticulada. Em psicanálise, o conceito de sujeito remete ao conceito de significante. O sujeito é efeito dos significantes. O significante é aquilo que representa um sujeito para outro significante. O sujeito do inconsciente se encontra no intervalo entre os significantes. Na psicose esse intervalo não existe, não se constituindo uma cadeia de significantes e por sequência um sujeito em falta, um sujeito de desejo.

A forclusão da Metáfora Paterna exclui o sujeito do registro do simbólico e impossibilita os seus laços sociais, pois ele não consegue encontrar uma significação fálica, quer dizer, uma significação parcial na sua relação com o Outro.

Dessa forma o sujeito da psicose diante das injunções paternas, ou seja, diante das situações nas quais precisa responder com um saber próprio inconsciente falha por não ter recebido esse significante do ser em falta, por não contar com uma dimensão simbólica do Nome-do-Pai. Nesse momento pode entrar em surto e ocorre a queda de todo esse imaginário que ele sustentava e o corpo despedaçado retorna no Real. “Tudo o que é recusado na ordem simbólica, reaparece no Real”. (LACAN, 1955-56, p. 22)

Um exemplo disso é o caso do presidente Schreber estudado por Freud em “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia” (FREUD, 1911). Schreber é nomeado para o cargo de juiz-presidente do Tribunal de Apelação, aos 51 anos de idade. É importante pontuar que ele foi escolhido ao invés de escolher. Essa nomeação foi determinada por um rei e sua recusa seria um delito de lesa-magestade, portanto sem possibilidade de recusa. Ali onde ele deveria responder enquanto pai da corte, ele falha, falha por não ter recebido esse significante do ser em falta, o significante do nome-do-Pai no qual poderia se sustentar diante dessa demanda do Outro. Desencadeia por consequência o surto psicótico e uma gama de delírios, permanecendo por nove anos internado, mas ao final deles consegue constituir uma metáfora delirante e obtém alta.

Para Freud o delírio ocupa um lugar central na paranoia. Contrariando a noção médica vigente ele diz que “a formação delirante, que presumimos ser o produto patológico, é, na realidade, uma tentativa de restabelecimento, um processo de reconstrução”. (FREUD, 1911, p.78) Ou seja, o delírio é na verdade uma tentativa de cura.

Lacan no texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (LACAN, 1957-58) fala que a metáfora delirante tem por função fazer suplência à metáfora paterna, ou seja, suprir a falta de inscrição do significante do Nome-do-Pai. A metáfora delirante funcionaria, assim, como um ponto de basta, um ponto de capiton, algo que deteria o deslizamento incessante do significado sobre o significante, possibilitando um efeito de sentido. Lacan se utiliza do estilo “capitonê” técnica utilizada na produção de estofados nos anos 50 e 60 para se referir a esse ponto de basta.

No sujeito psicótico não há essa amarração entre os significantes a partir do ponto de basta e por consequência também não há um saber central referido ao pai, uma significação fálica que o ampare diante das demandas.

Onde o sujeito paranoico ampara seu saber já que não está num saber paterno recalcado, inconsciente? Lacan se refere a esse saber pontuando que se situa no próprio sujeito, no seu eu com toda sua certeza egóica, caracterizando dessa forma um eu hipertrófico e megalômano.

Se o saber do sujeito paranoico está em seu próprio eu e ele se esforça por sustentar sozinho, pois não coloca o Outro no lugar de um suposto saber a quem possa recorrer, como pensar a questão do porque o paranoico vem ao analista? Em que se sustentaria sua transferência?

Como já disse no início desse texto um neurótico vem ao analista por uma demanda particular, mas um sujeito paranoico por não se questionar a respeito de si vem geralmente ao analista convencido na grande maioria dos casos por um outro que lhe é próximo, vem para contar ao analista as suas coisas.

Se pensarmos na transferência sob os moldes da neurose, podemos dizer que na psicose não há transferência. Há um vínculo, uma relação terapêutica na qual o sujeito em surto encontra no analista não um outro que sabe, mas um outro com o qual ele pode contar nos seus momentos de maior angústia e que pode produzir efeitos apaziguadores. Por não haver transferência o analista então não é aquele que interpreta, contradiz ou tenta fazer metáforas, é aquele que escuta, que acolhe, que acompanha o paranoico na construção de uma metáfora delirante que estancaria a sua errância tentando construir pontos de capiton, numa amarração com a realidade.

Lacan no Seminário 3: as psicoses referindo-se ao que fazer frente aos paranoicos diz: “pois bem, não só nós passaremos por seus secretários, mas tomaremos ao pé da letra o que ele nos conta”. (LACAN, 1955-56, p. 241)

Tomar ao pé da letra é escutar sem querer aprofundar ou metaforizar o que o psicótico diz, pois não tem nada nas profundezas, tudo está na superfície, no enunciado, no imaginário. O analista neste lugar tem como função escutar, secretariar e não analisar. Permanece nas entrevistas preliminares e somente nessa posição de secretário do alienado é possível seguir a recomendação de Lacan de não recuar frente à psicose.

Sabe-se que o paranoico dispende muito trabalho para tentar construir uma significação que lhe possibilite alguma amarração. Cito aqui uma fala do Presidente Schreber contida nas suas memórias que me sensibilizou “se eu tentasse me explicar só oralmente, dificilmente poderia esperar que alguém tivesse paciência de me ouvir numa exposição demorada, menos ainda se considerariam esses pretensos absurdos dignos de uma reflexão”. (SCHREBER, 1903, p. 117)

Pois bem, a partir de Freud e de Lacan alguém, ou seja, o analista se dispôs a escutar. Essa escuta atenta enlaça a fala do sujeito psicótico que ao perceber que é escutado, endereça ao analista um delírio para que ele o acompanhe na construção de uma certa estabilidade possível. Schreber endereçava uma demanda em forma de escrita, de livro para poder constituir sua metáfora delirante e poder se inscrever de alguma forma na linguagem e na realidade.

O analista escuta com seu desejo de uma determinada forma que esse sujeito vem e volta.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. (1911) *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, volume XII.

LACAN, J. (1955-56) O Seminário, livro 3: *As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.

LACAN, J. (1957-58) O seminário, livro 5: *As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

LACAN, J. (1964) O Seminário, livro 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

LACAN, J. (1966) Escritos. *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LOURA, A. *Uma aventura no território da fala*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2011.

SOLER, C. *O inconsciente a céu aberto da psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007

SCHREBER, D.P. *Memórias de um doente dos nervos*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.